

# **Pandemia de Covid-19 pode transformar escritórios em lugares só para homens**

*Com o novo coronavírus, as mães foram três vezes mais propensas ao trabalho doméstico e ao cuidado com as crianças do que os pais, revela pesquisa. 'Risco de retrocesso é grande', diz diretora executiva da ONU Mulheres*

[\*\*\(Celina/O Globo | 14/10/2020 | Thomson Reuters Foundation\)\*\*](#)

O trabalho vai ser diferente depois da Covid-19, com distância maior entre as mesas, que serão separadas por placas de acrílico, e avisos para que apertos de mão sejam evitados. Mas a maior mudança pode ser a ausência das mulheres. Quando a pandemia estiver controlada, possibilitando o retorno de todos ao trabalho presencial, é provável que muitas mulheres continuem a trabalhar em suas casas porque as responsabilidades domésticas caem nos ombros delas.

“Há o risco de as mulheres optarem pelo trabalho remoto, e os escritórios e fábricas se tornarem lugares onde apenas os homens vão”, afirma Phumzile Mlambo-Ngcuka, diretora executiva da ONU Mulheres.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

## **Na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que**

# o dobro que mulher negra, diz estudo

*Levantamento realizado pelo Insper mostra que homens brancos com ensino superior têm um salário médio 159% maior do que o das mulheres negras que também cursaram faculdade.*

[\(G1 | 15/09/2020 | Por Anna Carolina Papp, Bianca Lima e Luiz Guilherme Gerbelli\)](#)

O diploma de ensino superior ainda não é capaz de garantir uma inserção justa das mulheres negras no mercado de trabalho do Brasil. Um levantamento realizado pelo Insper mostra que, a depender da profissão, um homem branco chega a ganhar mais que o dobro do que elas recebem para executar o mesmo trabalho.

O levantamento do Insper apurou o salário por raça e gênero no país e também fez o detalhamento para cinco profissões: engenheiros e arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais. Em todas, as mulheres negras recebem menos do que homens - tanto brancos como negros - e do que mulheres brancas.

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

# Pandemia faz sete milhões de mulheres deixarem o mercado de trabalho

*Número refere-se à segunda quinzena de março, período que marca início da quarentena para conter a propagação do novo coronavírus*

[\(Celina/O Globo | 21/06/2020 | Por Cássia Almeida e Leda Antunes\)](#)

RIO — A crise causada pelo [coronavírus](#) é mais dramática para as mulheres e

empurra boa parte da força de trabalho feminina de volta para casa. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC) mostrou que 7 milhões de mulheres abandonaram o mercado de trabalho na última quinzena de março, quando começou a quarentena.

São dois milhões a mais que o número de homens na mesma situação. Além da demissão, elas têm mais dificuldades para procurar uma vaga e se manter no mercado. Pelos cálculos do pesquisador Marcos Hecksher, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), é primeira vez nos últimos três anos que a maioria das mulheres está fora da força de trabalho (que são os que estão trabalhando ou procurando emprego).

[\*\*Acesse a matéria completa no site de origem.\*\*](#)

---

## **Brasil é apenas 130º em ranking que analisa igualdade salarial entre homens e mulheres com trabalho semelhante**

*Dados integram o relatório do Fórum Econômico Mundial divulgado nesta terça-feira e que analisa a desigualdade de gênero em 153 países.*

[\*\*\(G1, 17/12/2019 - acesse no site de origem\)\*\*](#)

Numa classificação de 153 países, o Brasil ocupa apenas no 130º lugar no quesito que analisa a igualdade salarial entre homens e mulheres que desempenham trabalho semelhante.

Os dados integram o relatório do Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês) divulgado nesta terça-feira (17) e que analisa a desigualdade de

gênero.

O estudo mostrou ainda que o Brasil tem apenas 20% das empresas com mulheres em cargos elevados de gestão. A baixa presença feminina ocorre mesmo com boa parte da força de trabalho brasileira composta por mulheres - elas somam 45,09 milhões, enquanto os homens são 55,08 milhões.

No relatório do WEF, o Brasil apareceu na 92ª posição no ranking global que analisa a desigualdade de gênero. Pelo levantamento, o [país precisa de mais de 59 anos](#) para ter igualdade entre homens e mulheres.

Entre os países da América Latina e do Caribe, o Brasil ficou na 22ª colocação entre 25 países.

## Desempenho dos países da América Latina e do Caribe

País	Ranking global
Nicarágua	5
Costa Rica	13
Colômbia	22
Trinidad e Tobago	24
México	25
Barbados	28
Argentina	30
Cuba	31
Uruguai	37
Jamaica	41
Bolívia	42
Panamá	46
Equador	48
Chile	57
Honduras	58
Bahamas	61
Peru	66
Venezuela	67
Suriname	77
El Salvador	80
República Dominicana	86
Brasil	92
Paraguai	100
Belize	110
Guatemala	113

Fonte: WEF

Na análise detalhada por quesitos, o Brasil tem o melhor desempenho em saúde - ocupa a primeira colocação no ranking -, e o pior resultado em empoderamento político - o país está no 104º lugar.

Nos demais itens analisados, o país está na 35ª colocação quando se analisa a disparidade de nível educacional e ocupa a 89ª posição em participação econômica.

## **Série mostrou desafios das mulheres**

Em julho, o **G1** publicou [uma série de entrevistas com mulheres](#) que alcançaram cargos de liderança. Em um dos capítulos, a diretora do Banco Central Carolina de Assis Barros disse a mulher que chega à chefia tem o papel de estender a mão para outras. Veja a entrevista [aqui](#).

## **Desempenho mundial**

A WEF alertou que a desigualdade de gênero no local de trabalho aumentou este ano e, nesse ritmo, serão necessários 257 anos para alcançar a paridade. No relatório do ano passado, eram necessários 202 anos.

---

# **Itamaraty abole regra 'não escrita' e freia promoção de mulheres, por Lauro Jardim**

Saiu ontem a lista de promoções do **Itamaraty**.

[\(O Globo, 17/12/2019 - acesse no site de origem\)](#)

Há pelo menos duas décadas há uma regra não escrita, mas seguida por

todos os chanceleres até aqui, em que nas promoções um terço das vagas de ministros de primeira e de segunda classes, conselheiros e primeiros-secretários seriam ocupadas por mulheres.

Beleza.

Só que o Itamaraty de Ernesto Araújo parece ter como objetivo mudar “tudo isso que está aí”.

Na lista de ontem, dos quinze conselheiros promovidos, apenas uma mulher; dos dezessete primeiros-secretários, duas mulheres. Entre os ministros, a coisa não melhora: uma diplomata virou ministra de primeira classe, enquanto três homens foram promovidos; entre os de segunda classe, oito homens e nenhuma mulher.

*Por Lauro Jardim*